

BREVES INCURSÕES NO CAMPO DA AQUISIÇÃO DE L2: A PERSPECTIVA PARAMÉTRICA DO SUJEITO NULO

Onilma Freire dos Santos

Instituto Federal do Mato Grosso (IFMT) – onilma.santos@srs.ifmt.edu.br

RESUMO: Dentre as capacidades que nos diferenciam das outras espécies, está a competência linguística, que nos permite não só criar frases, mas também julgá-las gramaticais ou não, independentemente de instrução. Este trabalho traz uma reflexão acerca da aquisição linguística, tendo como ponto de análise o Parâmetro do sujeito nulo, da teoria de Princípios e Parâmetros de Chomsky. Trata-se de uma investigação que analisou o processo de aquisição de segunda língua (L2) e de contato entre línguas diferentes, em um contexto específico, a fim de refletir acerca do processo de mudança e/ou reformulação paramétrica em relação ao Sujeito Nulo, em contextos frasais específicos.

Palavras-chave: Aquisição linguística, contato linguístico, parâmetro, Sujeito Nulo.

Introdução

Desde épocas muito remotas, estamos em busca de respostas para elucidar fenômenos linguísticos que nos acompanham durante o desenvolvimento da capacidade que nos torna tão singulares entre as espécies: a capacidade linguística. O homem possui a capacidade de adquirir línguas, sejam elas maternas ou estrangeiras. Centraremos nossa atenção, a partir de agora, no processo de aquisição da linguagem e analisaremos dados produzidos por falantes nativos do espanhol peninsular que adquiriram o português brasileiro como L2.

Segundo a perspectiva inatista que adotamos nesta investigação para fins de comparação, a aquisição da linguagem ocorre ainda nos primeiros anos de vida do falante, em virtude da existência de um órgão mental responsável pela linguagem, a saber: a Faculdade da Linguagem (FL). Nesse sentido, o ser humano já nasce com um dispositivo genético para adquirir uma língua presente nessa faculdade, a que denominamos Gramática Universal (GU).

Em linhas gerais, é importante conhecer a teoria gerativa desenvolvida por Chomsky (1981, 1986) para a compreensão da nossa proposta de reflexão, tomando por base sua concepção de língua. Para o gerativismo, a mente é organizada em faculdades e cada uma delas apresenta parâmetros e princípios, entre eles, a faculdade da linguagem, que diferencia o homem dos outros animais. O parâmetro sobre o qual nos debruçaremos é o Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN).

Metodologia

A pesquisa desenvolvida nesta investigação teve como método de abordagem o hipotético-dedutivo e como métodos de procedimento, o comparativo e o estatístico, aquele

possibilitou estabelecer comparações em busca de uma possível interferência morfosintática do português do Brasil (L2) no espanhol falado por nativos residentes no país há mais de dez anos, enquanto este proporcionou a análise quantitativa dos dados. Para tanto, foram analisadas construções frasais declarativas finitas selecionadas a partir de entrevistas informais realizadas.

Vale ressaltarmos que as entrevistas, decorrentes da pesquisa de campo realizada, não seguiram um padrão, sendo, portanto, adequadas ao contexto social, profissional e pessoal de cada informante, para que a interação fosse estimulada e o informante se sentisse à vontade para falar. Trabalhamos, dessa forma, com um *corpus* sincrônico, visando à compreensão do PSN e verificando se, nos dados do espanhol em análise, é possível encontrarmos, por exemplo, contextos que seriam obrigatórios de sujeitos nulos e que têm sujeitos plenos.

População investigada

A população investigada é composta por nativos espanhóis residentes no Brasil há, pelo menos, 10 (dez) anos. Foram entrevistados estrangeiros com faixa etária entre 18 e 60 anos, oriundos de diferentes localidades da Espanha. Vale lembrarmos que essa escolha não se configurara como pré-requisito para a seleção dos informantes, uma vez que nossa pesquisa está centrada na análise do espanhol peninsular das mais diferentes localidades da Espanha. A escolha pelo espanhol peninsular se deu por questões facilitadoras de contato com os informantes (vários informantes entrevistados com os quais já tínhamos contato prévio).

Das informações extralinguísticas, interessou-nos apenas a idade e o tempo de permanência do nativo no país, este para termos uma ideia do período de contato entre as duas gramáticas e aquela para testarmos a hipótese de que os mais idosos são mais conservadores no que concerne à língua nativa, no sentido de que eles tendem a produzir muitos sujeitos nulos, sofrendo assim menos interferência da L2. Para um maior detalhamento da população, observe-se quadro a seguir, contendo informações sobre os informantes:

Número do informante	Região de nascimento	Faixa etária	Tempo de permanência no Brasil	Região onde reside no Brasil
01	Burgos	45	10	Recife
02	Cataluña	27	11	Paulista
03	Cataluña	60	25	Recife
04	Madri	48	12	Recife
05	Madri	50	20	Recife

06	Salamanca	42	15	Olinda
07	Barcelona	37	10	Recife
08	Madri	29	10	Recife
09	Madri	18	10	Olinda
10	Valência	37	12	Olinda

Quadro 1: Mapeamento dos informantes selecionados na pesquisa

Coleta e seleção dos dados

A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas informais para posterior etapa de transcrição. Foram entrevistados 10 (dez) nativos residentes no Brasil por meio de gravações de áudio em ambiente fechado, para garantir a qualidade da gravação. Os primeiros 5 (cinco) minutos das gravações foram descartados e cada entrevista durou, em média, entre 30 e 40 minutos, totalizando cerca de 3 (três) a 4 (quatro) horas de gravação. Todos os dados que, de alguma maneira, identificavam os informantes foram excluídos da pesquisa, a fim de preservar sua identidade, como lhes foi garantido antes das entrevistas e perante o Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Resultados e Discussão

A partir das reflexões chomskyanas, surgiu o conceito de dispositivo de aquisição da linguagem (DAL), que se ativa por meio do *input* (ou seja, os dados linguísticos primários). Ao ser exposta ao *input*, o falante, ainda criança, seleciona o valor do parâmetro de sua língua e, assim, por volta dos cinco anos de idade, já tem adquirida a gramática nuclear dessa língua, sendo infrutífera a estratégia de correção durante o período de aquisição. Observe-se, por exemplo, o diálogo, a seguir, entre a mãe e a criança extraído de McNeill (1966, p. 69) apud GUASTI, 2002, p. 3). Nesse diálogo, fica evidenciado que a criança é insensível à correção:

Child: Nobody don't like me.
Mother: No, say 'nobody likes me.'
Child: Nobody don't like me.
 (eight repetitions of this dialogue)
Mother: No, now listen carefully; say 'nobody likes me.'
Child: Oh! Nobody don't likes me"

Vale ressaltarmos que essa aquisição não se respalda em contexto de estímulo-resposta, como defendem os adeptos do behaviorismo, pois a criança é capaz de produzir sentenças gramaticais nunca antes ouvidas por seus pais, o que culmina em um dos aspectos cruciais da linguagem: a criatividade.

O *input*, ao qual a criança é submetida, é considerado “deteriorado”, “imperfeito” no período de aquisição (argumento da pobreza de estímulo). Esse argumento baseia-se na ideia de que os dados aos quais a criança é submetida são muito inferiores à competência que desenvolve antes de qualquer processo de aprendizagem. “[i]sso explicaria como uma criança exposta a tão poucos dados no seu ambiente, conseguiria desenvolver um sistema tão complexo em tão pouco tempo”. (QUADROS, 2008, p. 50).

Para os inatistas, a linguagem não seria algo que uma criança aprende por imitação, mas algo que lhe é inerente, inato, biológico (o ser humano nasce programado para adquirir uma língua natural, salvo problemas de ordem fisiológica). Desse modo, a aquisição não ocorre fundamentalmente por meio de interferências outras, externas. Portanto, na perspectiva inatista, o *input* deixa de ser um fator determinante da aquisição da linguagem, passando a ser secundário, complementar a um mecanismo predeterminado por fatores biológicos (mas não hereditários).

Algumas perspectivas teóricas se opõem à perspectiva inatista e consideram que o *input* é o elemento fundamental na aquisição da linguagem, como, por exemplo, o conexionismo que “se insere no grupo das abordagens que procuram explicar a Aquisição de Segunda Língua (ASL) pelo viés da cognição, ou seja, em termos de representações mentais e processamento de informação e que rejeita a modularidade da linguagem e o inatismo” (ELLIS, 1999, p. 28). Segundo Rocca (2003, p. 53),

os conexionistas atribuem maior importância ao papel do *input* do que ao conhecimento inato, argumentando que, o que é inato é simplesmente a habilidade de aprender e não uma estrutura lingüística específica. Eles também argumentam que tudo o que a criança precisa saber está disponível na língua à qual está exposta. Assim, enquanto os inatistas consideram o *input* como o gatilho que ativa o conhecimento inato, os conexionistas o veem como a principal origem do conhecimento lingüístico.

O conceito de gramática universal, importante para a compreensão desta pesquisa, foi se modificando, no tocante à variação entre as línguas naturais e à fixação do valor paramétrico efetuado pela criança quando exposta ao *input*, tornando-se mais flexível e adequando-se às demandas produzidas pelos estudos lingüísticos, conforme observa Kupske (2011, p. 177):

Para dar conta dessa variação e da própria aquisição da linguagem, Chomsky (1981), lança a Teoria de Princípios e Parâmetros, onde a concepção de GU muda, tornando-se mais maleável. Segundo essa nova abordagem, a GU é formada por princípios (leis invariantes) que se aplicam da mesma forma em todas as línguas, e parâmetros (leis com valores variantes) que se aplicam ou não nas línguas do mundo, dando origem tanto à diferença entre línguas como à variação numa mesma língua.

Vale pontuarmos que ao centrarmos nossa atenção sobre o Parâmetro do Sujeito Nulo, temos de levar em conta o processo de aquisição da L2 e a sua relação com a língua materna dos falantes investigados. Não podemos esquecer de que estamos falando de pessoas adultas, que já passaram pelo processo de aquisição inicial de língua materna e que, agora, encontram-se em um processo diferente, o de atrito linguístico, por estarem imersas em um contexto linguístico diferente, em que a L2 é predominante em relação a L1 (língua materna), sendo submetidas a *inputs* de uma língua diferente de sua língua materna e por terem pouco contato com a L1, em relação à L2.

O processo de Atrito ou erosão linguística está associado à reconfiguração da competência linguística em situações de contato. A ideia de que uma língua estrangeira possa provocar mudanças em uma língua materna, já há muito adquirida, não agrada a maioria dos pesquisadores em língua, corroborando alguns questionamentos: é possível reconfigurar a competência linguística? É possível perder a proficiência em língua materna? É possível esquecer a L1? Para HAMERS e BLANC (2005, p. 76-7) apud CAPILLA, (2007, p. 12), “o atrito é um processo de regressão linguística que forma um continuum, que vai desde leves problemas de acesso até a perda total de uma língua. Na sua opinião, este último caso só é possível no caso de crianças imigrantes de pouca idade ou em situações pós-mórbidas”.

Os mesmo autores classificam o atrito como ambiental, o qual ocorre devido ao uso restrito de L1, em um contexto de imersão linguística em L2, que leva à perda parcial de aspectos da L1. Essas perdas podem ser supridas com elementos da L2. Na verdade, a ideia de perda nos parece bastante extremista e não concordamos com tal afirmação. Sobre esse aspecto, CAPILLA (2007, p. 13) afirma:

em muitos casos a palavra “perda” não chega a refletir o processo de mudança que o atrito produz na L1. Esse processo se manifesta na forma de desvios da norma, decalques léxicos e semânticos da L2, mudanças morfossintáticas, manifestações nas quais SELIGER (1989, p. 175; 1991, p. 238), entre outros, considera que existe uma parte de criatividade importante que permite o desenvolvimento de novas regras.

A classificação do atrito mais difundida é a atribuída a VAN ELS (citado por KÖPKE; SCHMID, 2004, p. 8). Segundo esse autor, o Atrito apresenta quatro subdivisões: reversão linguística, perda de dialeto, atrito da L1 e atrito da L2. Essa classificação pode ser observada no quadro abaixo:

Língua afetada	Ambiente linguístico	
	L1	L2



L1	Perda de dialeto	Atrito da L1
L2	Atrito da L2	Reversão linguística (nos idosos)

Quadro 2: Classificação do atrito de van Els extraído de KÖPKE; SCHMID (2004, p. 9)

Nossa pesquisa está focada na investigação do atrito de L1 em um ambiente de L2. Buscamos identificar as interferências que, na nossa investigação, nada mais é do que uma consequência do atrito, do contato linguístico.

Poderíamos, portanto, afirmar que os nossos informantes se encontram em um contexto de bilinguismo. Tal afirmação é complexa, uma vez que a noção de bilíngue é controversa. Na visão estruturalista, esta noção está focalizada na competência do “bilíngue perfeito” de Bloomfield (1935). Tal visão nos parece bastante extremista, uma vez que um falante que domine todos os aspectos de duas línguas é demasiadamente raro; Macnamara (1967) encontra-se no outro extremo, este acredita que o bilíngue é aquele que possui uma competência mínima em pelo menos uma habilidade linguística (compreensão auditiva e escrita, e expressão oral e escrita). Da mesma maneira que a visão de Bloomfield restringe bruscamente a noção de bilinguismo, a de Macnamara expande demasiadamente, ao ponto de abarcar uma quantidade muito grande de falantes como bilíngues. Em contrapartida, Hamers E Blanc (2000, p. 23) definem bilinguismo como “o estado psicológico de um indivíduo que tem acesso a mais de um código linguístico como meio de comunicação social”.

É importante diferenciarmos aquisição e aprendizagem em contextos bilíngues, sem esquecermos que os falantes deste estudo não passaram, necessariamente, por processo de aprendizagem formal e que não são bilíngues perfeitos, mas falantes que se encontram imersos em contexto de L2, língua que faz parte da realidade social em que se encontram, e que essa realidade nada mais é que um contexto de aquisição linguística, sem que haja necessariamente eventos de aprendizagem formal. Rocca (2003, p. 47) considera que

[a] aquisição ocorre conforme os falantes *não nativos* são expostos a exemplos de uma L2 *segunda língua* e passam a compreendê-los. Isso acontece de uma maneira muito semelhante a como a criança adquire a primeira língua, ou seja, sem atenção consciente à sua forma. Por outro lado, a aprendizagem ocorre por um processo consciente de estudo e atenção à forma e à regra do sistema linguístico [*grifos nossos*].

De acordo com a autora, a aquisição de L2 por um adulto ocorre de maneira muito semelhante à maneira que a aquisição da língua materna por uma criança, comprometendo, assim, a ideia de período crítico da aquisição defendida por muitos inatistas: “[s]e aprendizes adultos adquirem uma língua estrangeira da mesma maneira que a criança adquire a língua

materna, deve-se admitir que a GU funciona depois do período crítico de aquisição de línguas (KRASHEN, 1982 apud ROCCA, 2003, p. 48).

A ideia de que pessoas mais jovens têm melhores condições para adquirir uma L2 é resultado da teoria de “período crítico”, proposta por Lenneberg (1967), entre outros, o qual argumenta que a aquisição da segunda língua por adultos é inferior, do ponto de vista qualitativo, quando comparada com a aquisição de língua materna. Esse ponto de vista se embasa no pressuposto de que o indivíduo é programado biologicamente para adquirir a língua antes da puberdade. Assim, o adulto não pode recorrer a capacidades inatas de aquisição.

Em contrapartida, autores como Cooper (1970); Corder (1967), entre outros, defendem que a aquisição linguística, seja ela materna ou não, dá-se de maneira semelhante e envolve processos parecidos. Tal afirmação baseia-se na observação dos equívocos cometidos por adultos e crianças em processo de aquisição de L2 e língua materna, respectivamente. Uma dessas estratégias seria a regularização de verbos irregulares feita tanto por falantes adultos quanto por crianças em fase de aquisição. Veja-se, por exemplo, a regularização do verbo irregular *trazer* em inglês (*to bring*) e em português, retiradas (CORDER, 1967, p25):

“I no bringed the book”. (adulto)

“Eu não trazi o livro”. (criança)

Com base na afirmação dos autores supracitados, assume-se o pressuposto de que mecanismos que agem no processo de aquisição de língua materna não estão inativos no período de aquisição de uma L2 (compreendendo aquisição como processo não-formal):

La tarea de los que aprenden una lengua extranjera se parece, en este sentido, a la tarea del niño que aprende la lengua materna. Si los datos del aducto a los que está expuesto el que aprende una L2 también están subdeterminados, y él debe construir un sistema que analizará esos datos y proyectará la gramática de su interlengua, entonces es posible que la GU también juegue un papel, es decir, que los principios lingüísticos innatos medien en la adquisición de L2. (BARALO, 2009, p. 09).

Ainda sobre a aquisição de L2 na idade adulta, Finger (2003) apresenta três hipóteses de acesso à gramática universal (GU), a saber:

a) *A Hipótese de Acesso Nulo (HAN)*: Os seguidores dessa hipótese consideram a aquisição de língua materna e de L2 como processos cognitivos distintos. Para eles, o adulto não tem acesso à sua GU durante a aquisição de uma língua estrangeira. Acerca desse assunto, Newmeyer (1998, p. 77) afirma que “não vê evidência de que uma segunda língua, adquirida na idade adulta, seja um sistema internalizado de competência gramatical”.

Contudo, vale salientarmos que, em caso de assumirmos a ideia de que a aquisição linguística é um processo inato e que as línguas são dotadas de princípios universais, parece que se vai na contramão ao se afirmar que o que ocorre com a L2 não seja um processo de aquisição, mas sim de aprendizado motor como qualquer outro.

Em nossa visão, essa hipótese parece-nos uma ideia simplista e reducionista que fecha os olhos para uma questão importante no que concerne à distinção entre competência e desempenho, porque dá ênfase ao desempenho, muitas vezes não muito eficaz em adultos, para negar-lhes a existência da competência. Contudo, como explicar a aquisição de uma L2, senão pela competência e pela hipótese de acesso à GU em idade adulta? Como explicar a aquisição de diferentes línguas por uma criança se acreditarmos na fixação de apenas um parâmetro? Essas questões afastam-nos da hipótese do acesso nulo, fazendo-nos considerá-la como acomodação teórica.

b) *A Hipótese de Acesso Parcial (HAP)*: Os defensores dessa hipótese acreditam que a GU age parcialmente na aquisição de L2 e entendem que o acesso a ela se dá por intermédio da primeira língua, com parâmetros já estabelecidos, que servirão de base para a aquisição da segunda. Segundo essa hipótese, os falantes só têm acesso a Gramática Universal por intermédio da L1, uma vez que já tiveram acesso aos princípios e conjuntos de parâmetros relativos à sua primeira língua.

Assim, a L1 seria a base para o desenvolvimento da L2. Outras configurações de princípios e parâmetros não estão disponíveis para esses falantes. Se a segunda língua possuir configurações paramétricas diferentes, eles terão que recorrer a outros mecanismos para poder fixar os dados da segunda língua em sua representação interna.

c) *A Hipótese de Acesso Total (HAT)*: Esta hipótese não vê diferenças entre a aquisição de L1 e de L2 no que diz respeito ao acesso à GU e descarta a existência de um período crítico. No período de aquisição de L2, haveria continuidade na utilização dos princípios e parâmetros disponíveis na GU. No início, haveria transferência dos parâmetros já configurados anteriormente durante a aquisição de língua materna (natural) e, nos estágios subsequentes, esses parâmetros seriam reformulados e novas hipóteses seriam desenvolvidas, seguindo as restrições impostas pela GU. Os seguidores desta hipótese não estão de acordo que o uso que se faz de uma L2 seja suficiente para justificar a ausência de acesso à GU.

Um ponto interessante e convergente entre o processo de aquisição de L1 ou de L2 é a chamada pobreza de estímulo. Como, diante de estímulos tão diminutos, podemos adquirir

uma língua? É certo que, seja materna ou L2, os falantes são expostos a um *input* muito inferior ao produto resultante dessa experiência. Para Greg (1996, p. 52), *o argumento da pobreza de estímulos, como é frequentemente chamado, conduz inevitavelmente à postulação da existência de estruturas mentais inatas que agem sobre o input linguístico para produzir uma gramática mental.*

Assumindo a proposta de Baralo (2009), acreditamos que seja possível fixar novos parâmetros da língua depois do “período crítico de aquisição de linguagem”, embora de maneira mais lenta, assim como é possível modificá-los (LENNEBERG, 1967). Para Xavier,

[a] GU encontra-se disponível para aprendizes de segunda língua. Isso, entretanto, não significa dizer que a língua materna não possa ter alguma influência no processo de aquisição de uma L2. Ao contrário do que postulam Epstein et al (1996) com a Hipótese do Acesso Total, mostramos que o aprendiz de uma L2 pode ter acesso à GU também através da sua L1 (2007, p. 08).

Desse modo, adotamos a ideia de que os princípios da GU são geneticamente determinados e que as crianças já trazem inatamente nessa GU duas possibilidades de marcação (positiva ou negativa) para cada parâmetro, “eliminando” uma delas ao ter contato com o *input*, mas essa eliminação não é definitiva e, assim, o falante pode recorrer a esses dados quando em processo de aquisição de uma segunda língua, em contato com um novo *input*, mesmo em fase adulta. Acerca do *input*, White (1989) apresenta-nos três problemas que agem no processo de aquisição:

- a) *subdeterminação*: diferentes aspectos da língua são subdeterminados pelo *input*, ou seja, a competência linguística apresenta noções que não são claras no *input* recebido e que não são ensinadas diretamente. Durante a aquisição, o falante apresenta conhecimentos que vão muito além daquilo a que é exposto e tal conhecimento não poderia ser adquirido por meio de um processo de aprendizagem formal;
- b) *degeneração*: o *input* é insipiente por, geralmente, ser permeado por erros, hesitações e interrupções, incluindo frases truncadas e formas parciais, tanto quanto frases gramaticais;
- c) *Ausência de evidência negativa*: não há esclarecimentos ao falante sobre que frases seriam agramaticais.

É durante este período de contato com o *input* no processo de aquisição da linguagem que percebemos a criatividade linguística e nos remontamos ao conceito de língua que norteia os trabalhos gerativistas: “um conjunto (finito ou infinito) de frases, cada uma finita no seu tamanho e construída a partir de um conjunto finito de elementos” (Chomsky, 2002, p. 13). O

ponto infinito da questão é focado na criatividade do falante que, através de um número finito de regras, é capaz de criar um número infinito de sentenças nunca antes produzidas.

Dessa maneira, consideramos esta investigação importante para compreendermos o que ocorre entre os nativos espanhóis investigados nesta pesquisa no que concerne à marcação do valor do PSN. Tem-se assumido a ideia de que todas as línguas naturais tenham a posição de sujeito projetada, garantindo assim a existência na GU do Princípio de Projeção Estendida (em inglês, *Extended Projection Principle* (EPP)). O que as difere é, portanto, o modo como essa posição é preenchida: se por um sujeito pleno, se por um sujeito nulo (CHOMSKY, 1981; RIZZI, 1989, 1997).

Chomsky (1981) e Rizzi (1988: 15) deixam claro que, nas línguas românicas de sujeito nulo, seu apagamento é uma obrigação, não uma opção. Segundo Duarte (1995: 29), “a opção parece ficar por conta do uso pronomes plenos quando a interpretação estiver comprometida”. É o que ocorre no espanhol e no italiano e, exceto pelas orações relativas, no português europeu (SOARES E SILVA, 2006, p. 21).

Os nossos dados apontaram para um resultado positivo com relação ao preenchimento da posição sujeito por pronomes plenos. Observamos que, em contextos específicos como os de orações coordenadas e encaixadas, ocorreram esses sujeitos, independentemente de ênfase, contraste ou desambiguação, indo de encontro ao que ocorre no EE em contextos monolíngues. Nesse sentido, verificamos que os informantes parecem reconfigurar o PSN, assemelhando-se ao PB, por não obedecerem restrições impostas pela gramática internalizada do EE adquirida em contexto monolíngue que só admitiria sujeitos plenos em caso de ênfase, contraste ou desambiguação.

No que se refere ao tipo de oração e à duplicação do sujeito (pouco produtivos em contextos monolíngues em termo de frequência), chegamos à conclusão de que há interferência do PB no EE falado pelos nativos residentes no Brasil. Quanto à posição do sujeito pleno e à morfologia de flexão verbal, não constatamos interferência.

Com relação à morfologia de flexão verbal, observamos nos dados em análise que, ao contrário do PB que possui um AGR pobre, o EE caracteriza-se por possuir o AGR rico, seguindo as propostas de Roberts (1993) e Galves (2001), à semelhança do que ocorre no EE em contexto monolíngue. A concordância verbal é categórica (100%) em todos os contextos analisados. Esse resultado, portanto, levou-nos a refletirmos acerca da interface morfologia/sintaxe defendida por muitos pesquisadores com relação ao PSN, pois, embora tenha AGR rico, há um grande percentual de sujeitos plenos (49%), ao contrário do que foi

observado pela pesquisa desenvolvida por Soares e Silva (2006) em contexto monolíngue do EE, em que esses sujeitos apresentam apenas um percentual de (27%) contra (73%) de sujeitos nulos.

Sobre as duplicações do sujeito, não paira dúvida de que se trata de uma interferência do PB no EE, pois, nesta língua, sujeitos duplicados são inadmissíveis sem que haja uma pausa entoacional, característica nem sempre presente nos dados. É interessante percebermos que, embora não sejam produtivas no EE em contexto monolíngue, os sujeitos duplicados encontrados nos dados, ao contrário do que ocorre em PB (cf. TAVARES SILVA, 2004), apresentam as mesmas restrições observadas no PE.

Conclusão

De maneira geral, consideramos nossos resultados bastante relevantes para os estudos linguísticos realizados no Brasil, pois, até onde temos verificado, são escassas as pesquisas voltadas à interferência de L2 em L1 (cf. CAPILLA, 2007), em específico, do PB no EE, tomando por base a perspectiva teórica aqui adotada. A partir disso, vale ressaltarmos que não tivemos a pretensão de esgotarmos o tema, o que está longe de ocorrer, mas, certamente, visamos contribuir com os estudos linguísticos sob a ótica da sintaxe comparativa.

A interferência de uma língua em outra, pós processo de aquisição de L2, foi verificada quando analisado o tipo de oração. A partir deste estudo, refletimos, também acerca da aquisição chegamos à conclusão de que a aquisição é um processo inato que ocorre na infância, mas que não se encerra como muitos acreditam. Desse modo, estamos em desacordo com a ideia de período crítico por muitos difundida e aceita. Algumas questões, inevitavelmente, permanecem em aberto, por necessidade de aprofundamento ou por terem surgido ao longo deste estudo. Entre essas questões, podemos elencar as reflexões acerca do acesso à GU na aquisição em idade adulta.

A partir deste estudo em que refletimos acerca da aquisição, chegamos à conclusão de que a aquisição é um processo inato que ocorre na infância, mas que não se encerra como muitos acreditam (cf. Epstein, 1996; Herschensohn, 2000 e Hawkins, 2001). Desse modo, estamos em desacordo com a ideia de período crítico por muitos difundida e aceita

Referências

ARAÚJO, E. A. Contato linguístico: *uma análise comparativa de construções de tópico nulo na escrita e na oralidade*. PAPIA 22 (1), 2012. p. 111-128

- BADÍA MARGARIT, A. M. “La omisión del sujeto en español”. In: Homenaje a Alonso Zamora Vicente (volume 1). Madri: Castalia, 1988. p. 361-7.
- BARALO OTTONELLO, Marta. Reflexiones sobre la adquisición de la gramática y su implicación en el aula, *Revista de Didáctica Marco ELE*, 2009. 7-18.
- BARBOSA, Pilar; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia & KATO, Mary Aizawa. “A distribuição do sujeito nulo no português europeu e no português brasileiro.” In: Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística. Lisboa, 2001. p. 539-50.
- CABANA, M. N. Estudo em tempo aparente em tempo real do uso do sujeito nulo na fala de Belo Horizonte. *Domínios de Lingu@gem*, Ano 1, nº1 – 1º Semestre de 2007.
- CAPILLA, M. C. C. Espanhol e Português em Contato: *O Atrito da L1 de Imigrantes Espanhóis no Brasil*. (Dissertação de Mestrado em Linguística). Brasília: UBB, 2007.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. 2ª ed. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.
- _____. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. Nova Iorque: Praeger, 1986.
- ELLIS, Nick C. Cognitive approaches to SLA. *Annual Review of Applied Linguistics* 19, 1999, p.22-42.
- FARIA, Pablo. Princípios e Parâmetros: *É Possível Pensar em Reconfiguração de Parâmetros? Língua, Literatura E Ensino*, Maio. Vol. III. 2008, p. 173-182.
- GALVES, C. O Enfraquecimento da Concordância no Português Brasileiro. in I. Roberts e M. Kato, (orgs.) *Português brasileiro: Uma Viagem Diacrônica*. Campinas, Editora da Unicamp, 1993.
- GUASTI, Maria Teresa e RIZZI, Luigi. Null Aux and the acquisition of residual V2, in: *Proceedings of the 20th annual Boston University Conference on Language Development* ; 201, Andy Stringfellow et-al (ed.) Cascadilla Press, 1996. 284-295.
- GONÇALVES, M. *Para Uma Redefinição do Parâmetro do Sujeito Nulo*. (Dissertação de Mestrado em Linguística), Universidade de Lisboa, 1994.

KATO, M. Os frutos de um projeto herético: *parâmetros na variação*. In: HORA, D. da & CHRISTIANO, E. (orgs.). *Estudos Linguísticos: Realidade Brasileira*. João Pessoa: Ideia, 1999a.

_____, M. A. The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Ed.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Madrid: Vervuert, Iberoamericana, 2000.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

MACNAMARA, J. The bilingual's linguistic performance. *Journal of Social Issues*, 23, 1967, p. 58-77.

POLLOCK, Jean-Yves. *Langage et Cognition. Introduction au programme minimaliste de la grammaire generative*. Paris: PUF, 1998

QUADROS, R. *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

RIZZI, L. The new comparative syntax: principles and parameters of universal grammar. In: 10th ADVANCED COURSE "LANGUAGE AND COGNITION". Foundation Archives Jean Piaget, Geneva, p. 1-20, October 10, 1988.

ROBERTS, I e KATO, M (orgs.) *Português Brasileiro: Uma Viagem Diacrônica*. Campinas, Ed. Unicamp, 1993.

_____. A generalização de Taraldsen e a mudança linguística: *dois modos de perder sujeitos nulos*. In: TORRES MORAIS, M. A. C. R.; ANDRADE, M. L. da C. V. de O. (orgs.). *História do português paulista. Série Estudos*, v. II. Campinas, SP: UNICAMP, Publicações IEL, 2009.

_____. O português brasileiro no contexto das línguas românicas. In: ROBERTS, I. e KATO, M. A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. São Paulo : Ed. da UNICAMP, 1996.

LENNEBERG, E. *Biological foundations of language*. NovaIorque: John Wiley, 1967.

ROCCA, P. D. A. *A Tecnologia de fala aplicada ao ensino de entoação da língua inglesa para falantes nativos de língua portuguesa*. PUCSP: São Paulo, 2003.

SILVA, SOARES H. O Parâmetro do Sujeito Nulo: *confronto entre o português e o espanhol*. (Dissertação de mestrado em Linguística). UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, TAVARES C. R. A Natureza de Agr e suas implicações na ordem VS: *um estudo comparativo entre o português brasileiro e o português europeu*, Maceió: UFAL, 2004.

SHARWOOD SMITH, M. A. Crosslinguistic influence in language loss. In: HYLSTENSTAM, K.; OBLER, L. K. Bilingualism across the lifespan. *Aspects of acquisition, maturity, and loss*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 185-201.

WHITE, L. The pro-drop parameter in adult second language acquisition. *Language Learning*, Michigan, n. 35, p. 47-61, 1985.

WHITE, L. Is there a 'logical problem' of second language acquisition? *TESL Canada Journal/Revue TESL du Canadá, Ontario*, n. 2, p. 29-41, 1985.